

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Felipe Cecilio Nunes

**DIVERSIDADE CONSERVADORA: A CONSTRUÇÃO SOCIAL-DISCURSIVA POR TRÁS DO
MOVIMENTO “GAYS COM BOLSONARO”**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Prof. Dr. Jorge Gomes de Souza Chaloub

Juiz de Fora
2019

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **FELIPE CECILIO NUNES**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201772163A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **DIVERSIDADE CONSERVADORA: A CONSTRUÇÃO SOCIAL-DISCURSIVA POR TRÁS DO MOVIMENTO "GAYS COM BOLSONARO"**, desenvolvido durante o período de AGOSTO DE 2019 a DEZEMBRO DE 2019 sob a orientação de JORGE GOMES DE SOUZA CHALOUB, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

FELIPE CECILIO NUNES

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

DIVERSIDADE CONSERVADORA: A CONSTRUÇÃO SOCIAL-DISCURSIVA POR TRÁS DO MOVIMENTO “GAYS COM BOLSONARO”

Felipe Cecilio Nunes¹

RESUMO

A presente pesquisa visa explorar os elementos discursivos utilizados pelo criador da página “Gays com Bolsonaro”, Dom Lancellotti, para defender a conciliação entre a sua homossexualidade e a posição política conservadora, principalmente na reprodução de artifícios discursivos como a “ideologia de gênero” e o apoio declarado ao Presidente da República Jair Messias Bolsonaro. Tenho como objetivo entender como ocorre a relação discursiva entre as duas temáticas e identidades, que já foram tidas como contrárias, social e politicamente, uma a outra. Para tanto, o trabalho fará um debate sobre a dimensão política da homossexualidade e analisará o seu discurso através de um *podcast* onde Dom demonstra como realiza essa aglutinação, fala sobre a criação de sua página *on-line* e revela a sua cosmovisão e a sua identidade como um homossexual conservador.

PALAVRAS-CHAVE: Homossexualidade. Movimentos Sociais. Conservadorismo. Direitos LGBT+. Jair Bolsonaro.

Introdução

A presente pesquisa pretende expor a construção argumentativa de um grupo composto por homossexuais masculinos que apoiaram abertamente a candidatura do presidente Jair Messias Bolsonaro pelo Partido Social Liberal (PSL) nas Eleições de 2018. Visando apreender os componentes discursivos que são manejados por esses indivíduos, será feita uma breve análise do discurso do fundador da página “Gays com Bolsonaro”, que se encontra hospedada na rede social *Instagram*². A página atualmente é a que mais detém seguidores dentre as páginas que pretendem falar sobre o mesmo tema, além de demonstrar assiduidade nas postagens feitas no perfil. Este movimento se mostra minoritário frente a predominância de páginas de temática LGBT+ alinhadas a posicionamentos de esquerda, mas mesmo ante esse caráter minoritário, o mesmo teve impacto nas eleições e desafia pressupostos acerca da comunidade homossexual, que talvez precisem ser relidos e entendidos em sua complexidade social-histórica. Estudando as posições destes indivíduos podemos entender como que se desenrola o discurso acerca da sua própria identidade e da força destes diferentes pertencimentos sociais e o motivo do discurso conservador se fazer crescente nesses indivíduos.

O interesse pela pesquisa surgiu pela adesão de grupos virtuais de homossexuais ao candidato e a suas ideias, em movimento atestado por matérias em jornais e revistas. Em artigo de opinião de Lucas Bulgarelli no jornal *El País*: “Por que 29% dos LGBTs votam em Bolsonaro?”, o mesmo traz um dado do Datafolha que afirma que 29% das declarações de intenção de voto no candidato são de pessoas não heterossexuais.³ E outro artigo da *Folha*, onde faz-se uma comparação entre as intenções de voto de LGBT+ em Bolsonaro e Haddad, mostra-se que há uma maioria de LGBT+ com intenção de voto no candidato do Partido dos Trabalhadores mas que há uma quantidade considerável de LGBT+ que optam pelo candidato do Partido Social Liberal.⁴

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: felipeccununes@gail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Jorge Gomes de Souza Chaloub.

² Página disponível em: <<https://instagram.com/gayscombolsonaro?igshid=yly1378qt5qk>>

³ BULGARELLI, Lucas. Por que 29% dos LGBTs votaram em Bolsonaro?. *El país*. 27 out 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/27/opinion/1540592921_823943.html>. Acesso em: 23 out. 2019

⁴ PASSOS, Úrsula; FIORATTI, Gustavo. Entre LGBTs, Haddad lidera com 57% e Bolsonaro tem 29%. *Folha de São Paulo*. 26 out. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/entre-lgbts-haddad-lidera-com-57-e-bolsonaro-tem-29.shtml>>. Acesso em: 04 out. 2019

Construirei, a seguir, um breve histórico da inserção da homossexualidade e da masculinidade ao longo de alguns momentos históricos. Este exercício será necessário para compreendermos os inúmeros discursos que foram redigidos por diferentes setores sociais, incluindo os científicos, sobre a homossexualidade e sua prática pelos indivíduos de gênero masculino. O recorte quanto ao gênero dos indivíduos também é importante aqui por se remeter claramente a conceitos de masculinidade e feminilidade, peças tão importantes na construção do conceito moderno de família. Adiante, tentarei mostrar como que nas últimas décadas o movimento gay e a tem se colocado alinhado a reivindicações que envolvem direitos humanos e avanços progressistas mais afinados com o espectro da esquerda ou centro-esquerda, e que o movimento em análise é também uma amostra, distinta, de como a homossexualidade ainda é acionada no discurso político contemporâneo. Nesse cenário, se debaterá o papel do próprio movimento homossexual em diferentes momentos históricos e como ele se choca ao se relacionar com o movimento “Gays com Bolsonaro” em diretrizes políticas e noções acerca da sociedade contemporânea.

Perspectivas histórico sociais acerca da homossexualidade.

Os indivíduos que compõe o movimento a ser analisado detém um histórico de estigmatização pela sociedade ocidental, já que a homossexualidade como característica foi historicamente marginalizada por diversas sociedades, que elegeram o padrão sexual heterossexual como norma. Portanto, é necessária uma abordagem introdutória acerca dos discursos imputados sobre este grupo da sociedade, já que estas narrativas deixaram marcas em suas vivências ou simplesmente seguem sendo revisitadas em determinados seguimentos da sociedade contemporânea. Como afirma Pedro Paulo Oliveira: “No final do século XIX e início do século XX, a homo-orientação era vista basicamente a partir de três perspectivas: degenerescência do instinto sexual; anomalia indicativa de parada na evolução sexual natural; ou então, resultado de algum trauma de fundo psíquico.” (OLIVEIRA, 2004, p. 74)

Um componente importante destes discursos é o papel atribuído a homossexualidade frente a masculinidade, símbolo tão importante da sociedade moderna.

Assim a homo-orientação tinha um lugar à parte no panteão dos contratipos. Evidenciava-se como a maior desonra que um varão poderia sofrer. Era vista como aberração, uma ameaça a família e ao casamento. Prestava-se a ser peça de propaganda nas guerras e em vários outros momentos históricos diferenciados. Ela foi sempre o insulto maior que um grupo (masculino) poderia lançar contra seus adversários e isso não mudou muito. Já destaquei anteriormente como na constante preocupação para transformar um garoto em homem, medo da imaturidade contava menos que o temor da afeminação que só seria rechaçada com a aquisição de um certo padrão físico e uma adequação moral. (OLIVEIRA, 2004, p. 73)

Os indivíduos homossexuais foram colocados nesse local de repressão e estigmatização por ser um obstáculo, se não um desaforo, ao modelo de masculinidade vigente. Logo, por não se encontrarem neste modelo socialmente valorizado, eles eram incapazes de colher do valor atribuído a ser um homem “masculinizado”, sendo por isso estabelecidos como afeminados, pois detinham características contrárias às definidas como masculinas. Os homossexuais estavam, então, arremessados ao polo oposto: o feminino. Toda essa construção que afirmava esse modelo de masculinidade e a problemática acerca das sexualidades desviantes se embasava em pesquisas tidas como científicas (de diversas áreas de conhecimento), em noções religiosas de moralidade e conduta e na própria estrutura social. Estes fundamentos, todavia, foram abalados ou simplesmente perderam força na contemporaneidade. Nas palavras de Connel:

As masculinidades estão constantemente mudando na história. Obviamente, podemos não vivenciá-las como tais; a ideologia popular frequentemente representa o gênero como aquilo que não muda: o estável e “natural” padrão que subsiste sob o fluxo geral. O padrão agora frequentemente chamado de “masculinidade tradicional”, e vinculado à “família tradicional”, é, na verdade, uma forma de gênero historicamente recente, um produto claro do mundo moderno. (CONNEL, 1995, p. 191).

Evidentemente, é necessário expor, mesmo que brevemente, qual a trajetória da homossexualidade no contexto brasileiro e como ele não se distancia muito das perspectivas históricas descritas até aqui. A homossexualidade no Brasil também recebe nuances negativas e estigmatizantes, assim como em algumas outras

sociedades modernas. O movimento iniciado em Stonewall teve influências sobre a comunidade gay brasileira, ou seja, também no Brasil houve movimentos que reivindicavam a recolocação e naturalização da homossexualidade. Narra Santos:

A homossexualidade permeou o imaginário social brasileiro desde os tempos da colonização portuguesa. Acusados de cometer o pecado infame da sodomia, muitos indivíduos foram perseguidos pela Igreja Católica e punidos com a pena de morte por supostamente praticarem atos homossexuais (Trevisan, 2004; Mott, 1989). Com a independência política em 1822 e a aprovação do Código Criminal do Império em 1830, a homossexualidade foi descriminalizada no Brasil, o que não significou a aceitação dessa prática sexual pela sociedade e pelo Estado. Ao longo do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, indivíduos com práticas homoeróticas foram alvos do assédio da população, dos órgãos médicos e das instituições policiais (Green; Polito, 2006). Foi a partir das décadas de 1940 e 1950 que a homossexualidade no Brasil começou a ganhar visibilidade pública para além das páginas policiais dos jornais. As intensas modificações sociais que o Brasil experimentava, dentre elas a intensa urbanização e industrialização, possibilitou a emergência de diversos locais de sociabilidade homossexual, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo. Criaram-se assim diversas redes de sociabilidade e no ano de 1968 foi fundado o Snob, primeiro periódico voltado ao público homossexual (Green, 2000). (SANTOS, 2016, p. 183)

Tornaremos então o primeiro indício concreto de resistência ou tentativa de mudança do cenário social vigente que marginalizava as vivências de homo orientados: o “movimento gay”. O chamado “movimento gay” é de valiosa importância para entender este contexto de alteração. “Pode-se estabelecer como início do movimento gay contemporâneo os confrontos de 27 e 28 de junho de 1968, ocorridos entre policiais e gays no Greenwich Village, em Nova York, que ficaram conhecidos como a rebelião de Stonewall.” (OLIVEIRA, 2004, p. 163, 164). É a partir destas primeiras revoltas da comunidade homossexual estadunidense contra a repressão policial que se pode notar o anseio desses indivíduos de se realocarem na estrutura social vigente. O movimento gay surge neste contexto de repressão e elege a categoria de ser homossexual como uma categoria de normalidade em contraste com as perspectivas que a sociedade em volta detinham da homossexualidade, que como já descritas aqui eram em sua maioria negativas.

Estas manifestações de reatividade a repressão que começaram surgir e se multiplicar pela sociedade são rapidamente enquadradas como um movimento social, promovido por indivíduos homossexuais. O movimento gay em contraste com os movimentos sociais anteriores, como os movimentos de operários, por exemplo, visa a alteração cultural e simbólica para a sua entrada na sociedade como ela se encontra constituída, sendo reconhecidos os seus integrantes como parte da mesma pela sociedade civil e pelo próprio Estado. Ou seja, este tipo de movimento social busca o combate a “injustiça cultural”:

Aqui a injustiça se radica nos padrões sociais de representação, interpretação e comunicação. Seus exemplos incluem a dominação cultural (ser submetido a padrões de interpretação e comunicação associados a outra cultura, alheios e/ou hostis à sua própria); o ocultamento (tornar-se invisível por efeito das práticas comunicativas, interpretativas e representacionais autorizadas da própria cultura); e o desrespeito (ser difamado ou desqualificado rotineiramente nas representações culturais públicas e/ou nas interações da vida cotidiana). (FRASER, 2006, p. 232)

Também está presente nesta questão o campo socioeconômico, já que ser identificado como um homossexual poderia/pode cercear o indivíduo de certas atuações no mundo do trabalho ou em colher de benefícios econômicos. “[...] ser homossexual pode não afetar a capacidade de uma pessoa tem de realizar serviços de escritório, mas ser reconhecido como homossexual num escritório talvez torne impossível continuar trabalhando ali” (BECKER 2008, p. 44). Porém, o modo de produção capitalista ou a divisão do social do trabalho não é o foco contestatório predominante neste movimento social, que enfatiza a inserção dos indivíduos homossexuais na sociedade, sem sofrer as repressões de outrora. Esta peculiaridade os aproxima do conceito de “novo” movimento social, que não está interessado em alterar toda a estrutura econômica, mas sim a estrutura simbólica e cultura da sociedade que é o que prejudica a vivência plena de indivíduos homossexuais na sociedade. O movimento gay, em comparação aos movimentos sociais anteriores é entendido como um “novo” movimento social, para Alexander:

Touraine, Habermas e Melucci têm teorias particulares, mas confluem para o mesmo postulado central, o da especificidade dos movimentos sociais da segunda metade do século XX. Para todos, uma mudança macrossocial teria gerado uma nova forma de dominação, eminentemente cultural (por meio da tecnologia e da ciência) e borrado as distinções entre público e privado, acarretando mudanças nas subjetividades e uma nova zona de conflito. As reivindicações teriam se deslocado dos itens redistributivos, do mundo do trabalho, para a vida cotidiana, demandando a democratização de suas estruturas e afirmando novas identidades e valores. Estaria em curso uma politização da vida privada. Os movimentos de classe dariam lugar, assim, a novos movimentos expressivos, simbólicos, identitários, caso do feminismo, do pacifismo, do ambientalismo, do movimento estudantil. (ALEXANDER, 1998, p. 67)

Também houve outros trampolins para a articulação dos homossexuais contra a repressão e a estigmatização. O advento da Aids nos anos 80, por exemplo, impulsionou o movimento e diversificou o espectro de atuação do mesmo, com o surgimento em seu seio de redes de auxílio aos doentes, ao lado da criação de *lobbies* para forçar as autoridades públicas a investirem em pesquisa e informação, visando ao combate da doença.” (OLIVEIRA, 2004, p.164) Ou seja, o movimento também ocupa um lugar político de recolher e lançar ao Estado a obrigação de prover a saúde de indivíduos. Tanto na atuação contestatória quanto na atuação política e social o movimento gay se encontra defendendo e tentando dignificar os indivíduos homossexuais.

Os objetivos do movimento gay podem, todavia, ser variados, assim como os seus componentes. Contemporaneamente o movimento LGBT+ (agora renomeado, para incluir as diversas expressões de gênero e sexualidade) é composto por dezenas de visões e perspectivas acerca de gênero e sexualidade assim como abarca pessoas com diversas noções sobre si mesmas. Porém, podemos oferecer uma síntese, útil mesmo ante as suas limitações, dos objetivos do movimento para melhor entendimento:

Esse movimento seria apenas um exemplo típico de um movimento que traz em suas reivindicações mudanças que podem ser entendidas tanto como econômico-estruturais quanto simbólico-culturais. Como pensarmos, por exemplo, manifestações que visam a instituição da parceria civil registrada, que seria uma forma de luta que demanda mudanças em elementos simbólico-culturais – como os conceitos tradicionais de família e certos preceitos religiosos –, mas com a intenção de garantir também direitos diretamente ligados às questões estruturais, como o direito a seguros sociais e de saúde, pensão, distribuição de rendas e divisão de bens. (MACHADO; PRADO, 2005, p. 37)

É a partir destas articulações que surge e funda-se o movimento gay, mas não somente como resposta a processos externos que ele se ergue, há também uma face socializadora e aglutinadora de indivíduos que compartilham da característica homossexual que o movimento gay visava representar. Becker (2008) demonstra a importância desta face socializadora do movimento:

Antes de mais nada, os grupos desviantes tendem, mais que indivíduos desviantes, a racionalizar a sua posição. Num extremo, eles desenvolvem uma justificativa histórica, legal e psicológica muito complicada para a atividade desviante. A comunidade homossexual é um bom exemplo. Revistas e livros publicados por homossexuais para homossexuais incluem artigos sobre homossexuais famosos na história. Contém artigos sobre a biologia e a fisiologia do sexo, destinados a mostrar que a homossexualidade é uma resposta sexual “normal”. Incluem artigos jurídicos, reivindicando liberdades civis para homossexuais. Tomado em conjunto, esse material fornece uma filosofia operacional para o homossexual, explicando-lhe por que ele é como é, que outras pessoas também foram assim, e por que está certo ser assim. (BECKER, 2008, p. 48)

Barbosa da Silva também explicou como a participação em grupo social criou e reforçou a sua identidade como homossexual: “Na medida em que o homossexual consegue efetuar contatos e descobre que existem outras pessoas na sociedade semelhantes a ele, também excluídos do grupo majoritário, ele tende a encarar de outra forma a opção. Ela passa a significar a sua afirmação pessoal como homossexual, prendendo-o cada vez mais a essa categoria. (GREEN, 2019, p. 301)

Com esse papel contestador e socializador, o movimento gay surge e tenta redesenhar a sua própria inserção na esfera social. Empenhando-se para retirar assim o aspecto negativo sobre a homossexualidade e, conseqüentemente, sobre o movimento gay elevando a “causa” a um patamar defensável perante a sociedade.

Pode-se dizer que a “condição homossexual” tem sido objeto de concorrência por definições legítimas, na qual defrontam-se e aliam-se estudiosos, religiosos, agentes do espaço político – legisladores, partidos, Estado e, nas últimas décadas (ver McRae, 1990 e Trevisan, 1986), as associações e organizações que fazem parte da “sociedade civil”, as quais, de forma explícita ou tácita, estão identificados a diferentes subgrupos no interior da categoria homossexual, atuando a partir de formas que não dizem respeito apenas à representação política. (ANJOS, 2002, p. 223)

A partir destas colocações acerca da homossexualidade e do movimento homossexual é notadamente compreendido que estes atores sociais confrontam uma noção conservadora da vida em sociedade e de atos cotidianos, como as atividades sexuais e a construção familiar tradicional. A vivência homossexual se opõe ao que foi definido como correto ou simplesmente normal: a heterossexualidade. Construir e seguir um comportamento que se desvia daquele definido pela sociedade moderna, como a masculinidade estabelecida em cima da heterossexualidade, do casamento e da família se mostra um imenso desafio, se não um crime, como já foi e ainda o é em algumas sociedades, ser homossexual ou praticar ações homoeróticas. Também há um resgate discursivo que busca e reverbera a importância do casamento (obviamente, heterossexual) como gerador de cidadãos “decentes” para a sociedade, nesse conceito burguês de família não há espaço para uma união que não siga este padrão. “A imbricação de fatores originados de diversas esferas da vida social disseminou a ideia de que só a heterossexualidade devia conduzir ao casamento, pilastra da sociedade ocidental moderna. [...] Nesse caldo cultural seria impensável uma união civil legítima de pessoas do mesmo sexo.” (OLIVEIRA, 2004, p. 164). Portanto, endosso abertamente a afirmação de Oliveira que coloca os homossexuais e o movimento constituído pelos mesmos como verdadeiros desafiadores das práticas tradicionais que envolvem a sexualidade e o próprio conceito de gênero: “Os gays, por seu estilo de vida, desafiam as prescrições conservadoras e são por isso alvo de ataques dos moralistas.” (OLIVEIRA, 2004, p. 164). Para assumir esta perspectiva, será necessária a compreensão do discurso emitido por estes indivíduos e de como a sua argumentação se relaciona com essa partícula identitária que foi e é reativada positivamente ou negativamente por diferentes grupos político-sociais.

Houve avanços em questão de direitos e representatividade gay na sociedade contemporânea em resposta as reivindicações do próprio movimento gay iniciado nos anos 70, porém a estrada reivindicativa destes atores ainda é extensa e colide com interesses de setores tradicionais na sociedade e no campo político brasileiro. Há que se pensar, depois de toda esta trajetória marcada por estigmatização e repressão, na motivação e construção argumentativa e identitária de um grupo de homossexuais que se colocam ao lado de uma figura política notoriamente alinhada ao discurso político conservador, que é o Presidente Jair Bolsonaro. Neste contexto contemporâneo é que se coloca o ponto chave do presente artigo, que questiona como que um grupo que desafiou historicamente práticas sexuais e de gênero tradicionais e conservadoras da sociedade moderna agora se lança, mesmo que minoritariamente, em direção a discursos conservadores que outrora faziam coro contra este mesmo grupo.

“Gays com Bolsonaro” e a perspectiva conservadora sobre a sexualidade e gênero.

Dom Lancelotti é um homem homossexual publicamente assumido que se apresenta como um defensor do conservadorismo e das ideias da direita brasileira. Ele criou o perfil on-line “Gays com Bolsonaro”, onde defende abertamente o Presidente Jair Messias Bolsonaro e as suas pautas. No perfil do movimento no *Instagram* ele se declara: “*Brazilian Gay, cristão, conservador, nordestino, anti-mov. LGBT. Nossa bandeira é o Brasil. Em apoio ao 38º Presidente do Brasil.*”⁵ A página é administrada pelo próprio criador, Dom Lancelotti, conta com cerca de 26 mil seguidores e contém tanto posts de apoio ao Presidente como críticas aos seus opositores. Para obter mais informações sobre o próprio Dom Lancelotti, e sobre como ele molda seu discurso sobre a sua sexualidade e sua posição política, irei analisar a sua participação no Podcast do Movimento Conservador, onde o próprio relata o processo de criação e a motivação para a existência da sua página, ao mesmo tempo que faz uma exposição dos ideais defendidos por ele. O podcast intitulado “Movimento Conservador”, apresentado por Teff Ferrari, se dispõe a discutir temas políticos da atualidade sob a perspectiva conservadora. Como a própria apresentadora verbaliza nas aberturas dos episódios de seu programa:

⁵ Descrição do perfil “Gays com Bolsonaro” no *Instagram*.

Nesse podcast trataremos assuntos da política cotidiana faladas de maneira fácil e sem muita complicação, além disso bateremos um papo sobre o que está em alta nas redes sociais sempre, claro, pontuando a opinião baseada na verdade como ela é. Se você está cansado daquele jornalismo do “supostamente” fique com a gente, curta as nossas redes sociais, [...] comente, sugira temas e compartilhe com seus amigos para que a gente destrua a Fake News e traga conteúdo opressor de qualidade para você. (00:27)

O podcast também apoia o governo de Jair Bolsonaro, contando até com o chavão eleitoral usado em sua campanha na música de abertura dos episódios do podcast: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”.

O episódio do podcast que foi analisado é intitulado: “Podcast Movimento Conservador: Ideologia de Gênero”, onde o próprio Dom Lancellotti foi convidado a participar para falar sobre sexualidade, gênero e a dita “ideologia de gênero” na sociedade e na política brasileira. Obtive conhecimento deste podcast pelos links disponibilizados pelo próprio Dom Lancellotti em sua página “Gays com Bolsonaro”.

O tema proposto pelo episódio: “Ideologia de gênero” pode ser revelador quanto ao conteúdo do podcast quando se entende qual é esse mecanismo discursivo que o estrutura. Nesse sentido, é preciso entender o que seria essa tal “ideologia de gênero” para prosseguir na linha de pensamento elencado por Dom e para os que elegeram essa “ideologia” como grande problemática e inimiga da família e da própria educação brasileira, Reis e Eggert discorrem sobre:

Criou-se uma falácia apelidada de “ideologia de gênero”, que induziria à destruição da família “tradicional”, à legalização da pedofilia, ao fim da “ordem natural” e das relações entre os gêneros, e que nega a existência da discriminação e violência contra mulheres e pessoas LGBT comprovadas com dados oficiais e estudos científicos. (REIS; EGGERT. 2017, p. 20)

Ou seja, pretende-se discutir sobre esse movimento quase que predatório da família incentivado (se não promovido) pelos governos petistas e pelos movimentos sociais e de como há uma ameaça explícita aos padrões considerados como norma e até mesmo naturais. Sobre o uso do argumento da “ideologia de gênero”, Bulgarelli esclarece como esse artifício discursivo funciona:

A meu ver, a expressão “ideologia de gênero” merece ser entendida a partir do deslocamento do próprio significado de gênero. Trata-se de um mecanismo simples, embora engenhoso, que consiste em reduzir esta categoria a uma ideologia, parcializando sua legitimidade e neutralizando seus efeitos. É característica desse tipo de disputa a multiplicação de políticos e candidatos que adotam a “ideologia de gênero” como um mal a ser combatido. Desde então, professores passaram a enfrentar reações hostis quando abordam gênero e/ou sexualidade em sala de aula, temas considerados controversos, quando não proibidos, por pais e diretores. Essa postura persecutória facilita o trabalho de desconstrução e transformação do gênero em uma categoria diabólica, a chamada “ideologia de gênero”, tornando-se facilmente desqualificável. (BULGARELLI, 2018, p. 105)

A consequência do uso deste artifício é caracterizar os governos petistas e os movimentos sociais e identitários como inimigos da família, da moral e da religião, criando assim verdadeiros inimigos que ameaçam a integridade de elementos sociais importantes, como as famílias e a religião. Retornaremos à temática da “ideologia de gênero” mais algumas vezes no decorrer deste trabalho, já que ela é um dos pontos centrais do discurso de Dom Lancellotti.

Realizarei a seguir a exposição e transcrição de falas que creio serem chaves para compreender a perspectiva discursiva que Dom Lancellotti cria para justificar e legitimar a convergência entre sua escolha política e sua sexualidade. Logo de início, ele revela no episódio do podcast que sempre odiou política antes de entrar em contato com o conservadorismo.

Odiava política, esse negócio de ficar defendendo político, ficar brigando em rede social por causa de político, eu odiava tudo isso. Primeiro que eu penso que a gente vinha de um governo, é, governo Lula, governo Dilma que eu meio que não tinha esperança. Eu como um jovem, não tinha esperança alguma e ainda vai ficar discutindo política? Discutindo o quê, né? (04:25)

Esta fala demonstra uma visão bem específica do que é a atividade política, pelo ponto de vista dos eleitores e militantes, resumindo a mesma à defesa de políticos e a discussões sobre os mesmos em redes sociais. Ele relata que foi somente após a sua entrada em uma graduação em Direito que começou a se interessar por política. Seu ingresso nesse mundo foi intermediado por professores que indicavam leituras que mostravam a política por uma outra perspectiva, a conservadora.

Comecei a estudar filosofia e conheci o trabalho de uma pessoa chamada Olavo de Carvalho, e aí, eu meio que durante esse período que eu 'tava' na faculdade, como eu odiava política, comecei a me aproximar do 'libertarianismo', eu tive um professor que ele era libertário, que ele é libertário, defende muito a causa libertária no Brasil e ele começou a me apresentar também outras filosofias políticas e, aí, comecei a estudar sobre conservadorismo, comecei a estudar sobre libertarianismo, fui conhecendo outros autores que não, digamos, os autores proibidos na academia brasileira. Comecei a ler Scrutton, comecei a ler Chesterton, comecei a ler todos esses autores conservadores e aí me descobri conservador. (05:25)

Através destas transcrições nota-se que antes mesmo de entrar em contato com a literatura conservadora ele já detinha um distanciamento da política por a ver como um lugar ocupado pelo Partido dos Trabalhadores, já que ele diz que o governo Lula e Dilma o deixavam sem esperança alguma. A sua formação em Direito o colocou então em contato com o debate mais sofisticado da política, pendendo, obviamente, para a direção conservadora que lhe foi indicada por professores. Embora no trecho acima ele tenha citado alguns autores da filosofia conservadora Dom Lancellotti, acaba definindo para si o que seria o conservadorismo a partir de outras referências, vinculadas à sua experiência familiar e pessoal:

Eu cresci num lar evangélico, minha família é evangélica até hoje, minhas tias, minha avó era evangélica, do lado protestante, e eu sempre defendi, digamos, o que é correto, só que eu não sabia que era esse o nome que dava, que o nome disso era conservadorismo. (06:46).

Nesta visão, o conservadorismo seria praticamente uma forma de se inserir o mundo social, que tem origem na base familiar dos indivíduos, seria defender o correto, sendo este relacionado aos comportamentos advindos da religiosidade cristã e da educação familiar voltada para essa moralidade. Ou seja, o discurso eleva o conservadorismo como a única forma válida de se experimentar a vida política e social, o que deve guiar a existência em sociedade, como Messenberg também corrobora em sua análise do discurso das direitas on-line:

Observa-se, assim, que para além do campo político, as cosmovisões da esquerda e da direita constituem e se espraiam no "campo metapolítico das relações sociais cotidianas e da luta cultural" (Pierucci, 1990: 11). São, portanto, quadros de referência a partir dos quais os indivíduos interpretam e interagem com o mundo, estabelecendo significados à sua existência e explicando a "ordem das coisas". (MESSENBURG, 2017, 622)

Neste caminho, é possível perceber que o conservadorismo se torna realmente uma força explicadora e interpretativa do mundo, que norteia as noções que Dom tem acerca das esferas político-sociais, noções estas que serão exploradas ao longo desta pesquisa. Depois, Dom revela de onde veio a ideia de se expor publicamente e criar um perfil *online* em uma rede social focado no público gay e no apoio ao, até então, candidato a Presidente da República pelo Partido Social Liberal.

Na eleição do Trump surgiu movimento chamado "Gays for Trump" [...] eu sou amigo do fundador do "Gays for Trump", o Peter Boykin. [...] Quando o Jair decidiu, é, ser candidato eu pensei assim, por que não trazer esse movimento de gays conservadores, de direita, para o Brasil? (21:32).

Esse trecho demonstra que o surgimento deste movimento aqui estudado não é uma exclusividade da sociedade brasileira. Podemos ver que houve uma preocupação de invocar e recriar movimentações civil-políticas que surgem em outros países e trazê-los para o Brasil, talvez até como forma de legitimação, demonstrando que não é algo controverso ou impraticável, visto que existiriam paralelamente movimentos similares em outros lugares.

A discussão focalizada na presente pesquisa, no entanto, é abordada em seguida no podcast, onde nos são dadas pistas sobre como o idealizador do perfil modula e concilia seu discurso político com a sua sexualidade.

Não é porque eu sou gay que eu sou contra os valores. [...] Eles gostam muito de dizer: 'Ah, por que você... conservadorismo não combina com homossexualidade!' Não existe isso! Conservadorismo não é ideologia [...] conservadorismo é uma disposição que você tem a defender aquilo que você sabe que dá certo. (16:47)

Esse trecho em si já é deveras revelador, mas pode ser ainda mais aprofundado se conectado a esta outra afirmação feita em seguida: "Eu não sou a minha sexualidade, entendeu?" (21:00). Claramente, há uma tentativa de deslocar o indivíduo homossexual da seara dos movimentos progressistas, da luta por reconhecimento identitário e das outras pautas sociais históricas como o feminismo. O objetivo é trazer os gays para o debate conservador, sem descaracterizá-lo. Ou seja, ser homossexual não é a problemática central, mas sim um mero detalhe da vida pessoal do indivíduo. A homo orientação, neste contexto, se coloca como algo a ser resolvido individualmente, fora do contexto do convívio público. Nesta interpretação, que diverge frontalmente da ideia feminista de que o pessoal é o político, se o próprio homossexual se resolver com essa sua singularidade ele não precisará se expor e requerer reconhecimento. Também é colocada em xeque por Dom Lancellotti a necessidade e importância do movimento LGBT+ contemporâneo, e da própria sigla que ele representa, já que na sua visão o movimento se tornou um amontoado de diversidades de gênero e sexualidade, de modo a virar apenas uma necessidade de autoafirmação. Neste cenário, a sexualidade ganhou relevância exacerbada nos discursos dos indivíduos homossexuais. É possível reforçar esta tese a partir de alguns outros trechos diálogo de Dom com a apresentadora:

O que me define não é a minha sexualidade. O que me define são os meus valores [...] é o meu caráter, isso é o que me define, uma sigla (se referindo a sigla LGBT+), ela não define ninguém, uma sigla ela tanto não define ninguém que de tanto colocar gente nessa sigla ela não identifica mais ninguém [...] é sem noção isso. Isso tudo se resolveria pela aceitação. (47:40)

Acaba que o movimento LGBT, é, cobra tanto respeito das pessoas e eles acabam não se dando o respeito, entendeu? (48:18)

Eles esquecem do indivíduo e pensam só no coletivo, que (ou 'é?') esse coletivo deles não existe, entendeu? Tem gente sofrendo, tem família sofrendo de verdade, e por isso que eu digo hoje que o movimento LGBT perdeu rumo, beleza, a intenção é boa, mas de intenções, né? O inferno... a gente já sabe. É, mas eles perderam a mão, perderam o rumo. (33:43)

Nestes trechos, principalmente o último, é possível perceber que a chave para se ser um homossexual conservador, no pensamento de Dom, é abandonar a questão identitária construída pelo movimento LGBT desde o ano de 1970, quando se iniciou a luta por direitos igualitários e de reconhecimento da diversidade sexual. Obviamente, isso significa se desvincular do movimento LGBT, que, para Dom, se encontra inutilizado pela exagerada diversificação e também por questões políticas e ideológicas, como se explicita nesta fala: "Esses movimentos sociais eles perderam o rumo justamente porque se venderam pra esses, é, pra essa ideologia comunista, progressista, globalista... entendeu?" (37:31). Para ele soma-se a questão da cooptação do movimento LGBT+ pelo comunismo e ideologias de esquerda ao fato que o movimento LGBT+ se mostra inútil ao militar no Brasil, já que o mesmo deixa evidente que acredita que o país já se encontra muito receptivo a indivíduos homo orientados quando comparado a países que, por exemplo, criminalizam a homossexualidade.

"Movimento LGBT vêm dizer, é, vem querer direitos no Brasil, cara (rindo). O Brasil elegeu Clodovil (rindo), entende? O brasileiro deu o prêmio de BBB pro Jean Wyllys [...] aí, o movimento LGBT vem dizer que tá sendo perseguido no Brasil, que o Jair Bolsonaro é homofóbico, é racista, não gente! Tá errado! Aí, a gente percebe que eles perderam a mão." (35:39)

É possível captar neste discurso uma ideia de "vitimização", tão repetida contra os movimentos sociais das minorias. Por isso ele contrapõe a denúncia de violência e discriminação na sociedade brasileira citando personagens midiáticos homossexuais que conquistaram, de alguma forma, a simpatia do brasileiro na tentativa de demonstrar que a homofobia se encontra resolvida ou ocorre muito raramente. Nesse discurso minimiza-se as questões do preconceito e da discriminação que ocorrem no cotidiano pela simples existência de personagens homossexuais que obtiveram apoio ou simpatia da população brasileira na mídia. A lógica é simplória: se o

brasileiro elegeu um homossexual para um cargo político é porque a homossexualidade é bem aceita pela população brasileira. As tensões de agora se dão, portanto, por culpa do próprio movimento LGBTQ+, que força a questão identitária ao máximo possível. Há também claramente a negação de que Jair Bolsonaro seja preconceituoso de alguma forma, a partir dessa lógica vitimização e de outros argumentos. Esther Solano, em sentido semelhante, nos indica através de entrevistas feitas que o principal argumento dos entusiastas de Bolsonaro é o de que ele está brincando e que seu discurso não oferece risco real a ninguém.

Existe entre eles uma evidente minimização do discurso misógino e LGBTQfóbico de Bolsonaro. Eles estaria, simplesmente, “brincando” ou “exagerando”. A liberdade de expressão se coloca como direito inalienável contra uma suposta ditadura do politicamente correto dos movimentos identitários. Por outro lado, as falas dessas pessoas estão permeadas de uma absoluta rejeição aos movimentos porque estes seriam exagerados, violentos, causadores de problemas, exibicionistas demais. Os movimentos seriam os culpados das opressões que eles buscam combater. (SOLANO, 2019, p. 260)

O que se mostra crucial nessa perspectiva traçada nos trechos transcritos até aqui é uma deslegitimação dos movimentos sociais, em específico o movimento LGBTQ+, que não lutam mais contra o preconceito e discriminação, mas sim por privilégios, somando-se a isso a questão ideológica de uma ‘agenda’ que visa a destruição da família nuclear, composta por um homem e uma mulher e seus filhos, a qual se moveria por um ideário quase conspiracionista, de um plano separatista arquitetado pelos comunistas, com o intuito de conquistar o Brasil. É possível fazer uma aproximação deste ideário de ameaça do *status quo*, que segundo Dom é promovido pelo movimento LGBTQ+, pelos progressistas, pelos comunistas e globalistas, com as características que Habermas elenca no pensamento neoconservador quanto a modernização econômica e cultural, sendo a primeira muito bem quista, enquanto segunda, onde se inserem as conquistas LGBTQ+, nefasta para o bem da sociedade:

De acordo com ela, o mundo moderno se restringe ao progresso técnico e ao crescimento capitalista; moderna e desejável é toda dinâmica social que remonta, em última instância, aos investimentos privados; carecem de proteção também as reservas motivacionais das quais se nutre essa dinâmica. Em contrapartida, são iminentes os perigos provocados pelas mudanças culturais, pelas mudanças de motivação e nas atitudes, dos deslocamentos nos padrões valorativos e identitários, atribuídas a uma irrupção de inovações culturais no mundo da vida, criando assim curtos-circuitos. Por isso as reservas da tradição deveriam ser congeladas na medida do possível. (HABERMAS, 2015, p. 84)

Ou seja, as mudanças culturais, que aqui podemos encarar como exemplo a discussão recente da diversidade sexual e de gênero, devem ser evitadas, para que os alicerces morais da sociedade sejam mantidos e que o avanço da corrupção cultural seja detido. Em um primeiro momento soa contraditório que ele defenda o não avanço da modernização cultural. Já que o mesmo se encontra em um lugar social em muito beneficiado por essa modernização. Ser homossexual atualmente, graças ao progresso conquistado pelos movimentos sociais até aqui, é consideravelmente menos danoso do que o ser em momentos históricos anteriores. Contudo, a colocação é ainda mais especificada por ele nos trechos transcritos, onde ele pontua que o movimento LGBTQ+ já deteve sucesso e agora a sua “causa” é na verdade inexistente ou até desnecessária, visto que existiram personagens famosos no Brasil que eram homossexuais e foram admirados pela população brasileira por outras características que não a sexualidade. Ou seja, o preconceito pela sexualidade em grande parte foi superado e o argumento de “perseguição” é simplesmente um exagero com evidentes fins políticos. Retornando a Habermas, é instintivo realizar outro paralelo quanto a essa manobra discursiva de desvalidar um movimento por ele ser teoricamente “ultrapassado”, o autor declara:

[...] os conteúdos explosivos da modernidade cultural, dos quais se alimenta essa revolução cultural, precisam ser desativados, de preferência declarando-os como coisa do passado. Na verdade, já alcançamos a margem da salvação representada pela pós-história, pelo pós-esclarecimento ou pela pós-modernidade – só os retardatários, cativos da sonolência dogmática de um “humanitarismo”, não o notaram ainda. (HABERMAS, 2015, p. 84)

Toda essa negação e demonização em torno da modernização cultural exacerbada do discurso neoconservador, que Habermas nos aponta, é vista claramente nessa próxima passagem, onde Dom fala do aumento recente dos discursos sobre diversidade de gênero e sexualidade no Brasil, em especial na educação, que segundo ele é realizada através da dita “ideologia de gênero” implantada pelos movimentos sociais e pela esquerda brasileira com o objetivo de corromper a moral e a família. Neste trecho em questão há a retomada da

questão da “ideologia de gênero” que seria essa imposição da sexualidade e das multiplicidades de gênero sendo feita principalmente sobre as crianças. Então, todas as propostas de discutir gênero na sociedade são enquadradas como “ideologia de gênero” e sexualização das crianças, construídas com o objetivo de fugir da determinação biológica do gênero. Lancelotti parte desta noção para demonstrar que a defesa da “ideologia de gênero” é algo irracional e incorreto:

É uma sede de transformar criança pra provar que... provar aquela ideologia deles, entendeu? Por que não é nada mais que isso, e acaba sendo o que? Uma doença [...] A Camille Paglia até fala que é caos, né. *A gente tá retrocedendo culturalmente* (26:12)

O retrocesso cultural é, então, discutir os papéis tradicionais de gênero na sociedade contemporânea, assim como tentar superar as desigualdades de gênero e a discriminação com base na sexualidade. O que ele nomeia de “retrocesso cultural” é na verdade a modernização cultural que os neoconservadores se dedicam a combater.

Ainda circulando no mote da “ideologia de gênero”, a apresentadora o questiona do porquê da militância LGBT+ atuar tanto nas crianças ou na educação das mesmas, provavelmente fazendo alusão a polêmicas como a do “kit gay” e às discussões sobre gênero e sexualidade. Dom responde então sobre a origem desta estratégia, usada pelos movimentos sociais pela esquerda.

Filosoficamente essa ideia começa com Engels, né? Quando ele propõe que deixar a luta de classes pra ser [...] um ataque a família. Existe até uma frase em que o Engels defende o fim da família. [...] Hoje eu vejo assim, como eu ‘tô’ mais próximo dessa pauta de defesa dos direitos das crianças, eu vejo assim: como eles são contra a família, qual o produto da família? As crianças. Então eles atacam as crianças, se eles querem a todo custo, a todo preço, aplicar a ideologia de gênero nas crianças, é, tornar as crianças, é, essa pauta da sexualização das crianças importantes eles tão atacando o produto daquilo que eles querem que acabe, que é a família. (14:58)

Quanto a sexualidade, de fato, há a intenção de expor que não é contraditório ser homossexual e conservador, o que importa de verdade é apenas o seu desejo de defender a família, a moral e o Brasil. A sexualidade não é uma definidora do seu posicionamento político. A questão da importância da família está explícita em quase todo o discurso de Dom, sendo sua criação religiosa em uma família nuclear tema que o seguiu até a sua área de estudo:

O meu TCC de conclusão de curso de Direito foi sobre o estatuto da criança e do adolescente, essa pauta de defesa de direitos das crianças, de pedofilia, de ser contra [a] ideologia de gênero, de ser contra acultura globalista que vem dizendo que, é, sei lá, criança trans, criança viada, como eles costumam falar [...] Eu sou homossexual mas sou contra tudo isso, entendeu? Essa parte do direito da criança e do adolescente, ela me pega muito comigo (12:25)

A centralidade do conceito de família como bem maior da sociedade é constantemente reafirmada por ele em seu discurso. O fato de ser homossexual não o impede de continuar defendendo o que ele define como sagrado: as crianças.

Posteriormente, Dom fala sobre a maioria dos gays serem de esquerda, ignorando, porém, as perspectivas históricas, políticas e sociais que impulsionaram e teriam levado a causa homossexual ao lado oposto ao dos conservadores em um movimento de reivindicação e de luta por direitos dos homossexuais, que foram em parte explicitadas na primeira seção deste trabalho, Dom usa um argumento que se refere ao nível intelectual dos gays, o que para ele justifica em grande parte o controle que a esquerda detém sobre o movimento LGBT+.

A maioria dos gays, dos homossexuais são de esquerda, por quê? Por que os movimentos de esquerda se aproveitam, isso é uma opinião minha, é uma opinião pessoal, os movimentos de esquerda aproveitam da fraqueza intelectual, da fraqueza mental dos homossexuais, por que a gente sabe que realmente não estudam, que realmente, é, só querem saber de balada, só querem de sexo, só querem saber disso tudo [...] estudar é o último, a última opção. (22:22)

Por mais que ele assuma que grande parte dos homossexuais se mostrem ser de esquerda e continuem pontuando o combate à discriminação, isso não o faz repensar a sua posição, mas sim reafirmar que existem gays que se identificam com o conservadorismo e a direita ao invés de se lançarem ao progressismo e a esquerda: “Nem todo gay defende o movimento LGBT, é óbvio, eu sou um exemplo disso.” (61:46). Certamente há um esforço de realocar a homossexualidade da esquerda para direita, ou ao conservadorismo, usando até mesmo dos símbolos do movimento LGBT+:

Uma das coisas que eles acham ruim é porque a gente usa a *pride flag*, né (rindo). Por que a logo do movimento é um B, de Bolsonaro, e a *pride flag* ao fundo e o nome “gays cm Bolsonaro”, eles ficam com raiva [...] eu sempre brinco: Quem criou o arco-íris foi Deus, o arco-íris é uma aliança entre o homem e Deus, vocês não são donos de nada! (38:44)

Notadamente há um esforço de ressignificar os símbolos usados pelo movimento além da própria reinterpretação da homossexualidade, que não deve continuar sendo vista como algo contrário ao conservadorismo. A sexualidade deve ser incorporada ao indivíduo e não vivida coletivamente, já que a sexualidade é caractere individual e privado, e deve ser sublimada em detrimento de valores mais importantes como a família, a moral e a religiosidade. a ressignificação vai até mesmo ao símbolo do arco-íris, que simboliza o movimento LGBT+, ao qual é devolvido o componente religioso.

Dom Lancellotti expressa um certo incomodo com o que parece ser um padrão atual da homossexualidade. Ele não refletiria a realidade, já que há uma diversidade incalculável entre os indivíduos homossexuais, distinta desta visão que retrata os homossexuais como preocupados apenas com questões supérfluas: “Eles não conseguem enxergar além, entendeu? Eles só conseguem enxergar até aquela coisa ali, pra eu ser gay hoje, aceito, eu tenho que ficar postando Pablio Vittar, eu tenho que ficar defendendo diva *pop*, [...] por que se não for isso eu não sou gay, eu não sou aceito, entendeu?” (39:16)

Nesta narrativa, ele ora indica a manipulação do movimento LGBT+ pelo comunismo e pelo globalismo, ora retrata os gays como boêmios e fragilizados mentalmente, em exercício para se colocar como um exemplo de homossexual correto e dotado de moralidade, assim legitimando a sua participação como defensor da família, moral e costumes. Dom Lancellotti em momento algum esconde ou nega a sua sexualidade, mas se diferencia da maioria dos gays, que ele classifica como de esquerda, por ser um homossexual dotado de valores e defensor do que é correto. Obviamente, está implícita a manobra que ele faz para exemplificar que é possível ser gay e conservador, ter valores, respeitar a moralidade e a família. Quando ele o faz se colocando como exemplo a sua causa se torna autossustentada, é possível ser gay e apoiar Jair Bolsonaro porque ele o faz e mais algumas centenas de seguidores que ele conquistou ao longo do tempo com a sua página.

O próprio fundador revela que ser homossexual e conservador pode ser lido como controvérsia ou simplesmente as pessoas podem apontar que há uma dificuldade de se articular o discurso político com a sua vida privada. “Hoje a página tá com quase o que? Trinta mil seguidores, mas isso foi uma [...] surpresa pra mim, entendeu? [...] As pessoas vão dizer o que? Um gay de direita? Não existe isso, gay tá pensando em família? Gay defendendo criança? Não existe isso” (23:37)

O trecho transcrito acima esclarece que ele tem conhecimento que as pessoas instintivamente acham contraditório um gay que apoie politicamente um indivíduo com pautas conservadoras, para não falar das polêmicas que cercam os discursos enérgicos de Bolsonaro sobre minorias. Mas isto não parece o desanimar, o que ele quer eliminar é justamente a existência dessa contradição, talvez ressignificando os signos contemporâneos que cercam a homossexualidade. Ou seja, negando os índices de homofobia, determinando que a luta por direitos LGBTTTIQ+ já obteve seu êxito no Brasil - onde a homossexualidade não é mais reprimida, mas não precisa ser incentivada - e apontando que a homossexualidade é apenas uma das dimensões da vida do homossexual, cuja diversidade vai muito além dos padrões da esquerda..

Conclusão

Quando analisamos o discurso de Dom Lancellotti podemos, à primeira vista, cair no equívoco de considerar que por si só o movimento é algo completamente fora da curva. A ideia de que homossexuais podem deter uma visão conservadora é, contudo, possível, está acontecendo e não é de fato novidade. O que aparenta termos em mão é a reprodução do padrão comportamental reverberado socialmente, passado pela educação

familiar e pela própria valorização histórica da masculinidade em detrimento dos signos femininos. Oliveira salienta a possibilidade de grupos social e historicamente oprimidos reproduzam a opressão sofrida:

Entre os grupos gays, por exemplo, tendências moralizantes, e que sustentam os argumentos mais comuns contra eles próprios, convivem de modo paradoxal com a própria condição de ruptura que o desejo homo-orientado em si representa em relação à dominação masculina. Algumas formulações conservadoras, como “padrões seguros de amor”, “o conforto de um relacionamento monógamo” etc., fundamentam a base para a defesa de “direitos” como o veículo legal entre pessoas do mesmo sexo, reproduzindo um dos pilares essenciais do regime de gênero que é o modelo de formação e manutenção da instituição familiar. (OLIVEIRA, 2004, p. 198)

Contudo, não podemos resumir tudo a somente esta colocação. Há uma série de fatos que se entrecruzam no discurso de Dom Lancellotti: a força organizadora da religião, o conspiracionismo, o anticomunismo, o moralismo, e um maniqueísmo que divide o mundo entre bem e mal. Há, além disso, a diversidade do próprio subgrupo homossexual, dividido entre gays corretos e gays boêmios, ou moralmente corrompidos. Sua vida inteira circunda estes pontos, desde a sua criação notadamente religiosa até o conhecimento da literatura conservadora em sua graduação. Todos estes componentes argumentativos estão empregados no argumento dos defensores de Jair Bolsonaro, de modo que não impressiona que ele os repita, principalmente subdividindo os indivíduos em categorias de bom e mal, moral e imoral, ou seja, um maniqueísmo que simplifica a luta política. Como diz Alonso:

A comunidade moral bolsonarista se estrutura na crença compartilhada em códigos binários, que divide o mundo em bem e mal, sagrado e profano, gente de família e indecentes, cidadãos de bem e bandidos, éticos e corruptos, nacionalistas e globalistas. Essas clivagens simbólicas simplificam a realidade, reduzindo sua complexidade a estereótipos administráveis, e ativam sentimentos coletivos de alta voltagem – o afeto, o medo, o ódio. Seu manejo reforça o senso de pertencimento a uma comunidade de semelhantes e estigmatiza os diferentes. A violência – física, simbólica ou política – protege o grupo, que se sente ameaçado desde o início dos governos petistas. (ALONSO, 2019, p.41)

No momento em que reconstruímos na segunda sessão as perspectivas do último século sobre a homossexualidade, entendemos prontamente o porquê que ela está localizada no lado oposto ao da ala conservadora. Uma população que foi fortemente atacada pelos religiosos, pelos moralistas e pelos próprios conservadores, pelos seus atos desviantes, claramente não se tornaria simpática a essas posições. Entretanto, a partir do momento em que se nega, ou pelos menos se revisa isto, há uma maior facilidade em se articular argumentos em prol de um “conservadorismo homossexual”, alegando que quase não existe mais discriminação e elevando outros símbolos de identificação, como a categoria da família ou do patriotismo, no lugar da sexualidade. Nessa narrativa surge um mundo que quase não discrimina mais, no qual a superexposição desta sexualidade que está recriando a discriminação. O que parece ser feito é exatamente isto: suprimir a sexualidade com identificador, como foi feito pelos movimentos sociais, e elencar novos motes: a moral, os deveres e o caráter.

Porém, ainda há no discurso uma constante reafirmação da sexualidade, que agora não serve ao já ultrapassado movimento LGBT+, mas sim ao conservadorismo, ou seja, ainda há a categoria da sexualidade sendo usada como identificador, só se muda a pauta por trás dessa identificação.

A pluralidade de posicionamentos políticos é vasta e não há hegemonia nas posições políticas de uma sociedade diversa, mas ainda assim é profundamente interessante o discurso defendido por estes indivíduos, e estes precisam ser lidos e contextualizados em suas especificidades sociais, como relata Oliveira:

[...] o agente deve ser abordado tendo como pano de fundo o contexto de social que constitui o lugar de onde emerge a figura de suas ações. É sempre um ser humano em relação com outros, numa situação social específica, nem sempre dilucidável para si mesmo ou para outros que buscam apreender tal configuração (OLIVEIRA, 2004, p. 254)

Como já falado na primeira seção há uma constante luta quanto à definição e uso da homossexualidade na esfera política e civil. Representantes da medicina, da esfera religiosa, da própria política., todos estes entes presentes na vida social buscam definir e redefinir a homossexualidade em diferentes momentos históricos a partir do contexto social. Por mais que tenhamos esboçado aqui o quanto a homossexualidade foi categorizada como

algo contrário à noção conservadora de vivência, Dom Lancellotti tenta redefini-la como compatível como o conservadorismo que ele mesmo defende. Portanto, percebemos que a homossexualidade é parte do jogo político e social brasileiro, sendo evocada com caracteres negativos ou positivos dependendo das convicções de quem as invoca no debate a ser colocado, Dom detém o interesse em que a homossexualidade seja vista com normalidade, reduzindo-a a um mero detalhe da vida privada e elencando pontos como moral e caráter para substituir ou até camuflar a questão da homossexualidade ser ainda vista como fora da norma socialmente aceita, que é a heterossexual. Essa discussão acerca da homossexualidade e dos direitos da comunidade LGBT+ é atestada na política brasileira por Santos:

Se nas décadas de 1980 e 1990 havia certo “monopólio” da representação política de LGBT por partidos identificados como de esquerda, observa-se a pluralização dessa representação, com grupo LGBT se organizando em partidos de posicionamentos políticos mais ao centro e à direita no espectro ideológico. Mesmo no campo da esquerda, nota-se maior pluralização da representação, com outros partidos, além dos tradicionais apoiadores da causa LGBT (PT e PSTU), criando setoriais LGBT vinculados às estruturas partidárias. (SANTOS, 2016, p. 192)

No mais, a presente pesquisa detém um caráter exploratório de um movimento que ainda está se desenhando frente aos nossos olhos e por isso torna-se tão complexo apreender de forma explícita todo o suporte discursivo que compõe esse recente conservadorismo homossexual, assim como o próprio estudo dos movimentos de direita ainda se mostra tímido perante o estudo dos movimentos sociais como o feminismo e o próprio movimento LGBT+.

Assim como a pluralidade de identidades é notoriamente presente na construção dos movimentos sociais e na própria sociedade contemporânea, o campo político também é influenciado por estas características tão fluidas. Oliveira, quando fala da questão identitária na pós-modernidade, revela os traços ambíguos da necessidade da identidade nos indivíduos que circulam na atualidade. “Atualmente parece não ser mais necessária a identidade, mas isso pode ser apenas mera aparência; os agentes podem estar mais do que nunca buscando algo a que se agarrar, e uma identidade sólida poderia ser muito bem-vinda. O problema é que talvez ela não seja possível” (OLIVEIRA, 2004, p. 137). O criador da página “Gays com Bolsonaro”, ao criticar a utilidade do movimento LGBT+ e o seu imperativo de categorizar as sexualidade e os gêneros e exacerbar a questão identitária na sociedade, acaba fazendo o mesmo, só que de forma inédita, usando a sua sexualidade em conjunto com um pensamento político que historicamente estava no polo oposto das lutas político-sociais. Embora ele critique a questão da identidade, acaba usando a sua sexualidade como mote principal para arrimar a sua ideologia política, dando uma nova roupagem, ressignificando as simbologias que cercam a homossexualidade e a modelando segundo as suas filosofias pessoais. E essa diversidade se encontra também no discurso político, Cepêda discorre sobre. “Se a nova direita saiu do armário é preciso lembrar que mesmo um único armário possui inúmeras prateleiras, onde repousam projetos, intenções, valores e concepções políticas heteróclitas.” (CEPÊDA, 2018 ,52). Talvez em uma destas “prateleiras” esteja presente a possibilidade de aglutinar uma sexualidade historicamente vista como desviante ao discurso conservador das novas direitas, mas ainda são possíveis diversas análises sobre este movimento, já que o mesmo se mostra tão recente e em ainda em período de construção. Esse processo de construção é pontuado pelo próprio Dom, quando trata da existência de mais homossexuais que optam pelo conservadorismo.

[...] tem muita gente ainda no Brasil, tem muitos gays principalmente que se veem de direita, mas que não têm coragem de dizer. A gente fica dizendo que é o “armário conservador”. São gays, são de direita, são conservadores, mas não tem coragem de assumir porque é uma briga que vai arranjar com família, com amigo [...] com professor em faculdade, vai ser perseguido. (50:16)

Ou seja, o movimento ainda está despertando interesse em outros homossexuais e componentes da sigla LGBT+ e Dom indica que existe esse “armário conservador”, que aprisiona muitos homossexuais de se assumirem gays conservadores, pois estão cercados de indivíduos com a noção de que a homossexualidade está ao lado oposto ao do discurso conservador. Ele afirma, por outro lado, que cada vez aumentam mais o número de indivíduos que pensam com ele e não veem impossibilidade de conciliar sua sexualidade com a posição política conservadora.

Referências bibliográficas:

ALEXANDER, Jeffrey C. Ação coletiva, cultura e sociedade civil: secularização, atualização, inversão, revisão e deslocamento do modelo clássico dos movimentos sociais. **Rev. Bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 13, n. 37, p. 5-31. jun. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000200001&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 6 out. 2019.

ALONSO, Angela. A comunidade moral Bolsonaroista. In: ABRANCHES, Sérgio et al; **Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ANJOS, Gabriele dos. **Sociologias**. Porto Alegre, v. 4, n. 7, p. 222-252, jan./jun. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222002000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 6 out 2019.

BECKER, Howard S. **Outsiders**. Rio de Janeiro, Zahar, 2008.

BULGARELLI, Lucas. Moralidades, direitas e direitos LGBTI nos anos 2010. In: MIGUEL, Luis Felipe et al; GALLEGO, Esther Solano (Org). **O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil**. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

CEPÊDA, Vera Alves. A Nova Direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. **Mediações**, Londrina, V. 23 N. 2, P. 75-122, Mai/Ago. 2018

CONNELL, Robert W. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade** [online]. V. 20, n. 2, p. 185-206, jul./dez. 1995. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71725>>. Acesso em: 6 out. 2019.

FRASER, Nancy. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era “pós-socialista”. **Cadernos de Campo**. São Paulo, v.15, n. 14-15, p. 231-239, 30 mar. 2006

GREEN, James N. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. 2. Ed. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

HABERMAS, Jürgen. A nova obscuridade: pequenos escritos políticos V. 1 ed. São Paulo, Editora Unesp, 2015.

MACHADO, Frederico Viana; PRADO, Marco Aurélio Máximo. Movimentos homossexuais: a constituição da identidade coletiva entre a economia e a cultura. O caso de dois grupos brasileiros. **Interações**, São Paulo, v. 10, n. 19, p. 35-62, jun. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-29072005000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 06 out. 2019.

MESSENBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. **Soc. estado.**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 621-648, dez. 2017 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922017000300621&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 jun. 2019

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

SANTOS, Gustavo Gomes da Costa. Movimento LGBT e partidos políticos no Brasil. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, v. 6, n. 1, p. 179-212, jan./jun. 2016

SOLANO, Esther. A Bolsonaroização do Brasil. In: ABRANCHES, Sérgio et al; **Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PODCAST MOVIMENTO CONSERVADOR: Ideologia de gênero. [Locução de]: Teff Ferreira. Gazeta Conservadora. 20 set. 2019. *Podcast*. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/4YNOPS3pGkdyI6QU1wgxX2>> Acesso em: 11 nov. 2019.

REIS, Toni; EGGERT, Edla. IDEOLOGIA DE GÊNERO: UMA FALÁCIA CONSTRUÍDA SOBRE OS PLANOS DE EDUCAÇÃO BRASILEIROS. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 38, n. 138, p. 9-26, Jan. 2017. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302017000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 nov. 2019.